



DOI: 10.22476/revcted.v8.id545

ISSN: 2447-4223

## RECORDAÇÕES-REFERÊNCIAS DE DOCENTES DA UFCG: TRILHAS DE APRENDIZAGENS EM PESQUISAS SOBRE A HISTÓRIA DA LÍNGUA DE SINAIS EM CAMPINA GRANDE-PB (1971-1996)

**Shirley Barbosa das Neves Porto<sup>1</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-6301-4555>

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Faculdade de Letras, Campina Grande, Paraíba, Brasil

**Niédjia Maria Ferreira de Lima<sup>2</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-1289-2002>

Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Faculdade de Educação, Campina Grande, Paraíba, Brasil

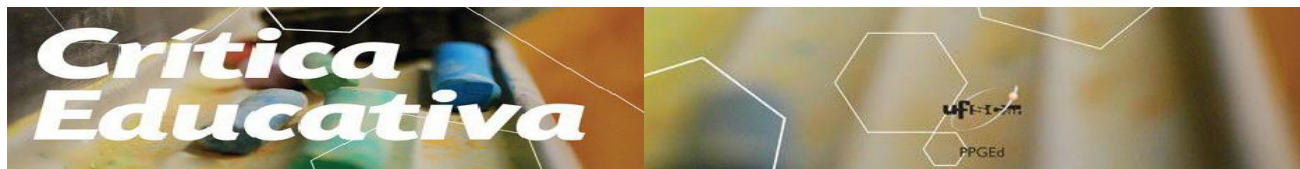
<b>Submetido em:</b> 13/12/2021	<b>Aceito em:</b> 29/12/2022	<b>Publicado em:</b> 30/12/2022
---------------------------------	------------------------------	---------------------------------

### Resumo

No presente artigo tecemos fios do nosso itinerário de professoras e de pesquisadoras da área da educação de surdos e da Libras em uma universidade pública do interior da Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A partir de um olhar retrospectivo para três pesquisas por nós desenvolvidas, trazemos “recordações-referências” (JOSSO, 2002) que nos constituem como professoras, pesquisadoras e narradoras desse processo. A primeira dessas pesquisas, iniciada em 2015 e ainda em andamento, busca investigar o percurso histórico da educação de surdos e da língua de sinais na cidade de Campina Grande-PB (1971 a 1996). As duas outras, já concluídas, vinculadas ao PIBIC-CNPq-UFCG (2016 e 2017), respectivamente, enfocaram a história da Libras em Campina Grande e foram desdobramentos da primeira. Apreciamos todo o processo à luz dos estudos (auto)biográficos em Educação. Assim, esse movimento de narrar que se entrelaça com histórias de vida dos surdos adultos nos permitiu olharmos para o processo de constituição da Libras em Campina Grande-PB, a partir de três momentos relevantes para a história da língua de sinais no município. O primeiro momento, de contato dos surdos campinenses, quando crianças, com as sinalizações de surdos recifenses; o segundo, de oportunização do convívio entre as crianças surdas da região em instituições para

<sup>1</sup> Professora do curso de Licenciatura em Letras Libras e do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), é doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), tem mestrado em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), especialização em Educação pela UFCG e pedagogia com habilitação em Educação de Surdos também pela UFCG. E-mail: [shirley.barbosa@professor.ufcg.edu.br](mailto:shirley.barbosa@professor.ufcg.edu.br).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor(a) do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. E-mail: [niedjafl@yahoo.com.br](mailto:niedjafl@yahoo.com.br).



pessoas com deficiência criando o espaço de contato entre pares; e, por fim, o momento do contato dos surdos de Campina Grande, agora jovens, com surdos de outras regiões. As recordações-referências aqui narradas contribuem para a constituição do legado histórico dos surdos e da Libras e, acima de tudo, para o nosso exercício do ser-viver-estar professoras e pesquisadoras da área de educação de surdos e da Libras.

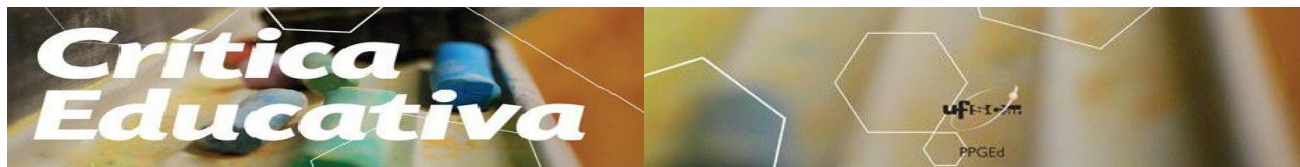
**Palavras-chave:** Recordações - referências. Histórias da Libras. Aprendizagens docentes.

### **MEMORY-REFERENCES OF PROFESSORS FROM UFCG: LEARNING PATHS IN RESEARCH ABOUT THE HISTORY OF SIGN LANGUAGE IN CAMPINA GRANDE (1971-1996)**

#### **Abstract**

In the following article we trace our paths as professors and researchers in deaf and Libras Education at a public university in the countryside of Paraíba state, the Federal University of Campina Grande (UFCG). From a retrospective view of three research developed by us, we bring “memory-references” (JOSSO, 2002) in which constitute us as professors, researchers and narrators of this process. The first research, started in 2015 and still on, aims to investigate the historical path of the education of deaf and sign language in the city of Campina Grande (1971-1996). The two other research, which are finished, linked to PIBIC-CNPq-UFCG (2016 and 2017), respectively, focused on the history of Libras in Campina Grande. These research were unfoldments of the first one. We based all the process on (auto)biographic studies on Education. Therefore, this narrating movement that interweaves with life stories of deaf adults allowed us to look at the constitution process of Libras in Campina Grande from three relevant moments for the history of sign language in this city. The first moment was the contact of deaf campinenses, as children, with signs of deaf recifences; the second movement was the opportunity of living among deaf children from the region in institutions for people with deficiency, arising space to the contact among peers; and the third moment was the contact of deaf people from Campina Grande, now adolescents, with deaf people from other regions. The memory-references here narrated contribute to the constitution of the historical legacy of deaf and Libras, and, above all, to our exercise of being-living professors and researchers of deaf and Libras Education.

**Palavras-chave:** Memory-references. Histories of Libras. Teaching learning.



## **MEMORIAS-REFERENCIAS DE DOCENTES DE LA UFCG: PISTAS DE APRENDIZAJES EN INVESTIGACIONES ACERCA DE LA HISTORIA DE LA LENGUA DE SEÑAS EN CAMPINA GRANDE-PARAÍBA (1971-1996)**

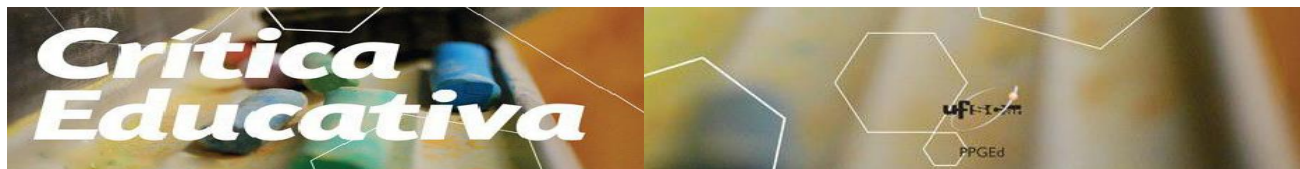
### **Resumen**

En el presente artículo tejemos hilos de nuestro itinerario de profesoras y de investigadoras del área de educación de sordos y de Libras – lengua de señas brasileña – en una universidad pública del interior de Paraíba, la Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). A partir de una mirada retrospectiva sobre tres estudios desarrollados por nosotras, traemos “memorias-referencias (JOSSO, 2002)” que nos colocan como profesoras, investigadoras y narradoras de este proceso. La primera de estas investigaciones, iniciada en 2015 y aún en progreso, busca investigar el recorrido histórico de la educación de sordos y de la lengua de señas en la ciudad de Campina Grande, Paraíba (de 1971 a 1996). Las otras dos, ya concluidas y vinculadas al PIBIC (Programa Institucional de Becas de Iniciación Científica) – CNPQ (Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico) - UFCG (de 2016 a 2017), respectivamente, tuvieron como foco la historia de Libras en Campina Grande y derivaron de la primera. Valoramos todo el proceso a la luz de los estudios (auto)biográficos en la Educación. Así, ese movimiento de narrar que se entrelaza con historias de vida de los sordos adultos nos permitió mirar para el proceso de constitución de Libras en Campina Grande-Paraíba, a partir de tres momentos relevantes para la historia de la lengua de señas en el municipio. El primero remite al contacto de los niños sordos campinenses con las señales de los sordos recifenses; el segundo a la creación de oportunidades de convivencia entre los niños sordos de la región en instituciones para personas con discapacidad creando el espacio de contacto entre pares; y, por último, el momento del contacto de los sordos de Campina Grande, ahora jóvenes, con sordos de otras regiones. Las memorias-referencias aquí narradas contribuyen a la construcción del legado histórico de los sordos y de Libras y, ante todo, a nuestro ejercicio del ser-vivir-estar profesoras e investigadoras del área de la educación de sordos y de Libras.

**Palabras-clave:** Memorias-referencias. Historias de Libras. Aprendizajes docentes.

### **1. Introdução**

No presente artigo, tecemos os fios do nosso itinerário de professoras-pesquisadoras da área de educação de surdos e da Libras, em uma universidade pública do interior da Paraíba, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Assim, a partir do olhar retrospectivo, apresentamos trabalhos investigativos por nós desenvolvidos: um em andamento, integrando a Unidade Acadêmica de Educação (UAED/UFCG) com a Unidade Acadêmica de Letras (UAL/UFCG), iniciado no ano de 2015, que busca investigar o percurso histórico da educação



de surdos e da língua de sinais na cidade de Campina Grande-PB (1971 a 1996), e dois desdobramentos deste, já concluídos, vinculados ao PIBIC-CNPq-UFCG, sobre a história da Libras no município, desenvolvidos nos anos de 2016 e 2017, respectivamente.

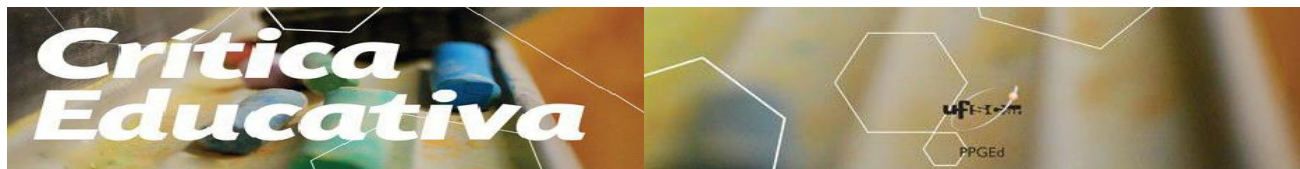
À luz dos estudos (auto)biográficos em Educação (DELORY MOMBERGER, 2008, 2020; PASSEGGI; SOUZA, 2016; PASSEGGI, 2011, 2020; GIANINI, 2012, entre outros), trazemos “recordações-referências” (JOSSE, 2002) dessas investigações, que têm como protagonistas surdos e surdas e suas histórias com a língua de sinais, invisibilizados pela história majoritária do monolinguismo oral, trazendo essa dimensão de suas vidas para a constituição da realidade linguística da cidade de Campina Grande-PB e municípios das cercanias.

Desenvolvemos o artigo refletindo sobre os caminhos trilhados no campo das narrativas (auto)biográficas como metodologia de pesquisa em educação e opção epistemopolítica. A partir desse espaço conceitual, dialogamos com a história dos surdos, mais especificamente, com a criação da língua de sinais no município e o protagonismo dos nossos narradores como criadores da realidade ora vigente.

Assim, ao narrarmos a nossa profissão docente pela dimensão da pesquisa, entrelaçamos os saberes advindos do saber científico com as posturas de vida frente ao que demanda ser criado para democratização da Libras como língua efetivamente presente na vida acadêmica de nossos alunos e pares profissionais surdos constituídos e implicados pelas narrativas as quais tivemos acesso, por meio de “recordações-referências” que, segundo Josso (2004), coloca-nos em contato com duas dimensões: uma concreta ou visível, fruto de nossas percepções ou imagens sociais e outra invisível, decorrente de nossas emoções, sentimentos, sentido o valores. Essas dimensões permitem manifestar “[...] experiências significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações construíram de si mesmos e dos seu ambiente humano e social” (p. 47).

Nesse sentido, nos implicamos como parte da história que queremos registrar para as próximas gerações de professores, sejam eles surdos ou ouvintes.

Conforme destacamos anteriormente, desde o ano de 2015, desenvolvemos uma pesquisa intitulada “A história dos Surdos em Campina Grande-PB, no período de 1971 a 1996: processos educacionais, constituição da Libras e repercussões na vida dos surdos”, que conta



com a participação<sup>3</sup> de outros professores da área e estudantes do curso de Pedagogia (UFCG). Tem como objetivo maior investigar o percurso histórico da educação de surdos e da língua de sinais na cidade de Campina Grande-PB no período de 1971 a 1996, que se justifica em função de compreender o contexto educacional da reforma do ensino de 1º e 2º graus, Lei nº 5692, de 11 de agosto de 1971, e a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9394, de 20 de dezembro de 1996.

Um dos objetivos específicos da referida pesquisa era investigar como a Língua Brasileira de Sinais, em Campina Grande, por meio das histórias de vida de surdos e em documentos das instituições educacionais, no marco temporal de 1971 a 1996, se constituiu, evoluiu e desenvolveu-se. Esse objetivo se desdobrou em projetos de investigação<sup>4</sup>. Assim, iniciamos no ano de 2016, a construção da escrita da história da Libras em Campina Grande – PB, a partir das narrativas de surdos que na década de 1970 eram adolescentes, jovens ou adultos.

Tratar as histórias de vida dos surdos como fontes narrativas e documento de uma época e sistematizar essa informação permitirá que produzamos fontes de pesquisa nas quais o olhar do surdo sobre o fato vivido - ausência de língua, aprendizados possíveis e existência da mesma – se constituirá pelo viés desses sujeitos como protagonistas, perspectiva que nos permite questionar a condição normalidade ouvinte/deficiência surda e o *status* de valor historicamente dado para as línguas orais e de negação e opressão, ao se tratar das línguas de sinais.

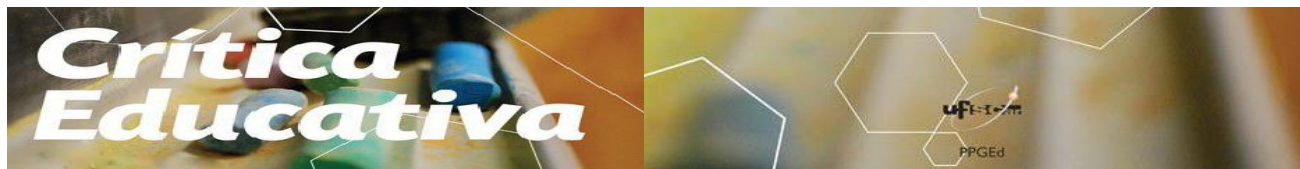
Nessa perspectiva, a história da Libras em Campina Grande – PB possibilitará que as novas gerações de surdos tenham acesso a figuras surdas referenciais, podendo ter ícones surdos que, em um contexto de desvalorização da Libras, criaram condições para a existência desta língua na região. Viabilizará, também, entender os surdos e o processo de construção dessa

---

<sup>3</sup> A pesquisa conta com participação da Profª Dra. Eleny Gianini e de estudantes de iniciação científica vinculados ao curso de Pedagogia: o PIBIC/CNPq/UFCG (2016) contou com participação de Renata Irys de Queiroga e a edição do PIBIC/CNPq/UFCG (2017), com o aluno Sérgio Marinho da Silva.

<sup>4</sup> Vida, língua e memórias: reminiscência de surdos adultos dos anos de 1970-1990. PIBIC/CNPq/UFCG (2016-2017); A constituição da Libras em Campina Grande-PB entre os anos de 1970 a 1996: dialogando com histórias de vida de surdos e instituições educacionais. PIBIC/CNPq/UFCG, (2017-2018); Educação de Surdos em Campina Grande/PB: Perfil da Ex-Clientela Atendida no Instituto Campinense de Assistência ao Excepcional - PIBIC/CNPq/UFCG, (2019-2020).





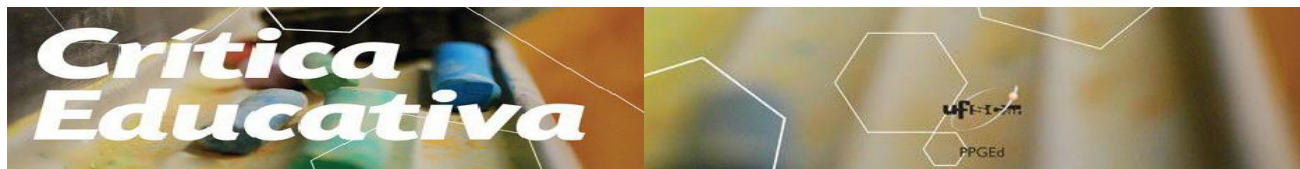
língua no município fora do paradigma da deficiência e pela via linguístico-cultural, permitindo à comunidade surda local refletir sobre a negação do direito inalienável de ser e constituir-se pela Libras, na história desse grupo, sobretudo, sobre o que significa fazer-se pela ausência do compartilhamento de língua, não do não-ouvir.

Sendo assim, organizamos o nosso texto da seguinte forma: esta introdução, em que situamos nosso objetivo e contextualizamos a pesquisa balizadora das investigações que dela decorreram. Em seguida, apresentamos reflexões teóricas sobre a educação de surdos, fundada no respeito à sua língua, cultura e identidade e suas reivindicações, que têm como lema nacional “Nada sobre nós sem nós” e abordamos potencialidades da pesquisa narrativa (auto)biográfica em Educação, referências da nossa opção teórico-metodológica pelas histórias de vida (JOSSO, 2004; PINEAU, 2006). Posteriormente, narramos caminhos trilhados pela investigação e, na sequência, as tessituras das pesquisas com as histórias de vida de surdos, nos anos de 2016 a 2018, evidenciando “recordações-referências” vividas no exercício de narrar o ser-viver-estar professoras e pesquisadoras da área de educação de surdos, num exercício de autorreflexão; e, por fim, nossas considerações em aberto, tendo em vista o desenrolar da pesquisa maior, que se encontra em andamento.

## **2. Considerações sobre a história da Libras**

Os últimos vinte anos, duas primeiras décadas do século XXI, temos visto poucas mudanças nos conceitos desenvolvidos por pensadores que consideramos como clássicos na área da educação de surdos, como Sánchez, Behares, Skliar, Dorziat, e Sacks, para falar dos que, para nós, foram mais presentes em nossos estudos e discussões, que desenvolveram suas reflexões e propostas ao modelo educacional no final dos anos 1990, com seu ápice nos primeiros anos da primeira década dos anos 2000.

Assim, se nos últimos anos, por um lado, vimos o ganho de direitos legais advindos pelo reconhecimento da Libras como língua primeira dos surdos e, dele decorrendo, a criação de cursos de Letras Libras para formação de professores e intérpretes, por outro, na prática, as escolas específicas para surdos ainda não conseguem, em sua maioria, desenvolver projetos



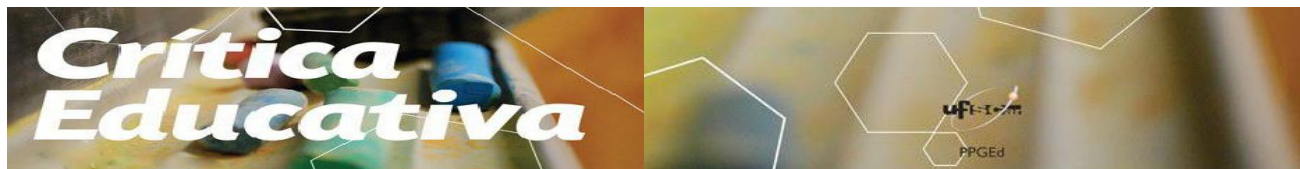
bilíngues nas acepções teóricas apresentadas e sugeridas pelos autores anteriormente apresentados.

O paradigma bilíngue exige uma revolução paradigmática que o sistema educacional ainda não conseguiu assumir como sendo necessário para o desenvolvimento educacional dos surdos e, conseqüentemente, seu desenvolvimento e participação social, pois considerar a Libras como primeira língua dos surdos significa que, para o sistema educacional e para a sociedade, essa língua precisa ser desistituiconalizada, ou seja, deixar de ser língua a ser acionada nas escolas e espaços sociais apenas via utilização de intérpretes de Libras, para se tornar língua viva, por passar a ser uma segunda língua no plano da sociedade.

Toda língua é produzida pelo contato social e transmitida na cultura e, à medida que é repassada, também produz cultura. Nesse sentido, a língua também constitui sujeitos políticos e, no caso das minorias, sujeitos de resistência, pois, além de precisar do contato para ser produzida, disseminada e transformada ao longo dos anos, ela, na mesma medida, é constituída como foco de resistência, em meio à disseminação da visão hegemônica (BAGNO, 2014). Assim sendo, é no contexto de vida social que as LS se efetivam linguística e culturalmente.

No Brasil, avançamos bastante nos estudos de descrição linguística da Libras, mas poucos ainda são os registros históricos detalhados sobre como ela emergiu dos encontros entre surdos e se disseminou, compondo as comunidades surdas no país. O movimento de legitimação da Libras como língua dessas comunidades culminou com seu reconhecimento no ano de 2002, por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, documentos que estabeleceram para todo o território nacional, oficialmente, a Libras como língua dos surdos.

No entanto, apesar de a legitimação do direito não ter acontecido sem que os surdos tivessem conscientização suficiente para agir sobre o momento histórico vivido em 2002, é possível pensarmos que até o momento de registro da história de sua língua, os surdos, sejam de Campina Grande-PB ou de qualquer lugar do Brasil, viviam uma situação de histórias de vida de grau zero, o que significa, de acordo com Pineau e Le Grand (2012, p. 21-22), ter uma existência sem memória, esteja ela no plano de seu desenvolvimento pessoal, comunitário, identitário, cultural ou linguístico. Nas palavras dos autores, “um ponto zero das histórias de



vida é, portanto, uma vida sem memória e sem expressão capaz de ultrapassar seu imediatismo”. Isso significa uma existência alijada da possibilidade de *autopoiesis*, que é a consciência e reinvenção de si. Os surdos têm o direito à história de sua língua!

Todo esse movimento de lutas, reivindicações e conquistas das comunidades surdas brasileiras, que se mobilizam em defesa pela educação bilíngue de surdos<sup>5</sup>, expressa-se no lema das pessoas com deficiência “Nada sobre nós sem nós”, no que diz respeito à construção de políticas educacionais com essas pessoas e suas entidades representativas.

### 3. Incursões sobre a pesquisa (auto)biográfica em Educação

Ao discorrermos em nosso texto sobre narrativas de si, por meio das histórias de vida como fonte de investigação na pesquisa qualitativa em educação, no campo da abordagem (auto)biográfica, nos inspiramos em Conceição Passeggi (2010), quando evidencia a potência dessa abordagem, ao considerar indissociáveis os processos de socialização e de subjetivação na formação humana. Por suas palavras:

Em Educação, a pesquisa (auto) biográfica amplia e produz conhecimentos sobre a pessoa em formação, as suas relações com territórios e tempos de aprendizagem e seus modos de ser, de fazer e de biografar resistências e pertencimentos

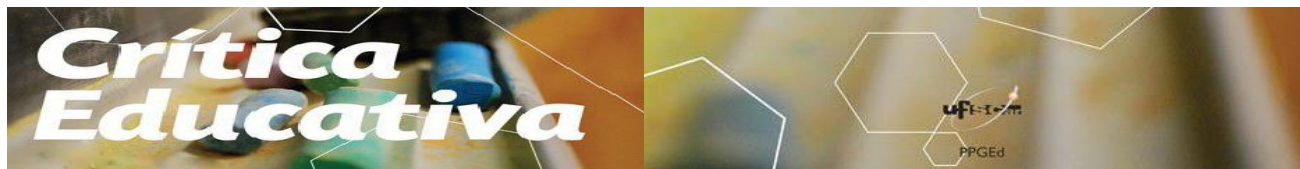
Tomando essa referência, há de se apreender de forma clara os princípios epistemológicos, teóricos, metodológicos, políticos da pesquisa (auto) biográfica, para sua demarcação como um campo disciplinar em Educação. Uma das primeiras tarefas, conforme recomenda Delory-Momberger (2005), citada por Passeggi e Souza (2016, p. 3), seria:

[...] fabricar instrumentos terminológicos e nocionais que lhe sejam apropriados” [...] o espaço do biográfico não se reduz às narrativas de vida; o discurso autobiográfico

---

<sup>5</sup> Em 2011, a comunidade surda se mobilizou, frente às ameaças configuradas pelas tentativas por parte do Ministério da Educação (MEC) de fechamento do Instituto Nacional de Educação de Surdos/INES, primeira escola de surdos do Brasil, referência educacional nacional para esta área, mas, principalmente, símbolo de resistência linguística e cultural da comunidade surda brasileira. Este movimento ficou conhecido como “Setembro Azul”. No ano de 2020, a luta se volta à defesa das escolas e classes bilíngues de surdos, contempladas no decreto da Política Nacional de Educação Especial – Decreto 10502/2020, movimento liderado pelos doutores surdos brasileiros nas áreas da Educação, Linguística e outras, em Carta Aberta endereçada ao Excelentíssimos(as) Ministros e Ministras do Supremo Tribunal Federal (STF) (CARTA ABERTA AO STF, disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/educacao/doutores-surdos-defendem-politica-educacao-especial-stf/>).





[...] se enraíza numa atitude mais fundamental do ser humano que consiste em configurar narrativamente a sucessão temporal de sua experiência.

Em concordância com essas premissas, os autores reiteram que, na pesquisa educacional, a questão fundante do *espaço (auto)biográfico* não se limitaria à multiplicidade de gêneros biográficos e autobiográficos, mas à compreensão da natureza do *discurso autobiográfico*, enraizado na atitude fundamental do humano, que é singular, vivenciada desde a mais tenra idade, constituindo-se em um dos pontos centrais da pesquisa (auto) biográfica em Educação. Assim, no campo da pesquisa qualitativa, as narrativas de si têm sua relevância no que concerne aos conhecimentos humanos e sociais, ao procurar

[...] superar o dilema que lhe é imposto: ou acomodar-se aos padrões existentes do conhecimento dito científico ou, ciente da especificidade epistemológica do conhecimento que ela produz, contribuir para a construção de novas formas de se conceber a pessoa humana e os meios de pesquisa sobre ela e com ela (PASSEGGI; SOUZA, 2016, p. 9).

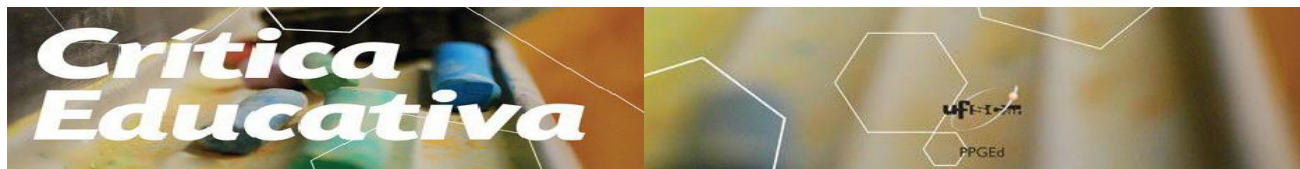
No contexto do movimento (auto) biográfico no Brasil, tais questões têm sido problematizadas e se reverberam nas edições do Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica (CIPA)<sup>6</sup>, ao examinarem, a pluralidade de seus enfoques teórico-metodológicos e os avanços produzidos nessa área de investigação científica (PASSEGGI; SOUZA, 2016; PASSEGGI, 2011, 2020). Um esboço desse movimento, por meio do sobrevoo histórico apresentado pelos referidos autores, nos permite visualizar alguns caminhos trilhados no campo da pesquisa (auto)biográfica, no contexto brasileiro, marcados por dois grandes períodos: o primeiro, que emerge nos anos 1990, denominado de um momento de eclosão do autobiográfico e das histórias de vida em Educação; o segundo, que se inicia nos anos 2000, marcado por um momento de expansão e diversificação dos temas de pesquisa.

Conforme Passeggi (2011; 2020), esses dois momentos estão intimamente vinculados a uma tríplice aposta<sup>7</sup>: uma aposta epistemopolítica, uma aposta decolonizadora e uma aposta

---

<sup>6</sup> No ano de 2004, o Congresso Internacional de Pesquisa (auto)biográfica CIPA se torna o marco inaugural e fórum de debates do movimento biográfico no Brasil, e, desde 2006, passou a contar com a liderança de Elizeu Clementino de Souza, quando realizou, em Salvador, o II CIPA (PASSEGGI, 2020).

<sup>7</sup> O termo aposta é empregado para sinalizar o engajamento, o desafio dessa aventura (auto)biográfica no mundo Científico (PASSEGGI, 2011).



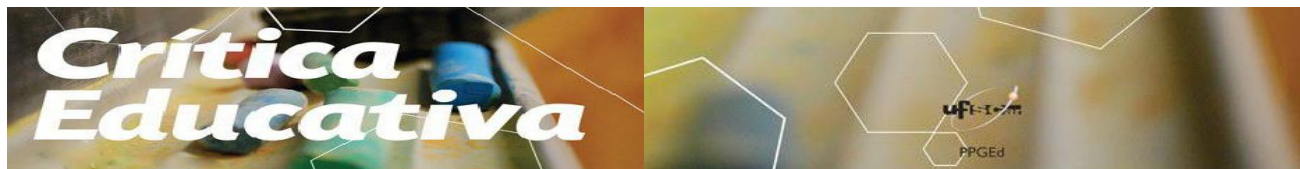
pós-disciplinar. Consentânea, com Pineau e Le Grand (2012), afirma que, contra as correntes positivistas e colonizadoras, os estudos com as histórias de vida em formação e as narrativas autobiográficas, ao priorizar o humano, situam-se numa perspectiva epistemopolítica.

Assim, ao tomar o autobiográfico como objeto de estudo, ancorando-se nessa tríplice aposta, Passeggi (2020) considera as diferentes dimensões da constituição da subjetividade, do sujeito autobiográfico nas abordagens narrativas e que, intimamente, estão vinculadas a quatro grandes eixos: o primeiro considera as narrativas autobiográficas como um fenômeno antropológico (Narrar é humano!); o segundo eixo utiliza as narrativas como método de investigação qualitativa (Escutar para compreender!); o terceiro faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo a legitimidade do conhecimento (re)elaborado pela pessoa que, ao narrar, forma-se (Narrar é preciso!); e, por fim, o quarto eixo estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas de si. (Modos de narrar!).

Vemos nos fios dessa incursão sobre o movimento (auto)biográfico, no Brasil, a potencialidade das narrativas de si, que ganha espaço cada vez mais abrangente como método e fonte de pesquisas em educação e permite-nos nos acercar do objeto de estudo da nossa pesquisa: histórias de vida de surdos e da língua de sinais em Campina Grande-PB, que se dá num movimento acadêmico-científico pelas narrativas de outros tantos que nos compõem e que geram movimentos potencialmente formadores.

#### **4. O trilhar da e na investigação com fontes auto(biográficas)**

Como parte fundamental de toda a elaboração das pesquisas realizadas, fizemos estudos para aprofundamento teórico sobre as questões relativas à área da história e da educação de surdos (SÁNCHEZ, 1990; MOURA, 2000; ALBRES, 2005), bem como sobre os procedimentos teórico-metodológicos de nossa pesquisa (BAUER; GASKELL, 2002; JOSSO, 2004; PASSEGGI; GIANINI, 2013; JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002). Esses balizaram os projetos investigativos que narramos no presente texto e que têm como “princípio o respeito à comunidade surda e às suas reivindicações expressas no Lema nacional das pessoas com deficiência ‘sobre nós sem nós’” (GIANINI, 2012, p. 125).



Referenciamos a pesquisa em Histórias de Vida, que, como método de investigação-ação, nos permitiu, ao dialogarmos com Josso (2004), compreendermos que, ao procederem com a narração de suas memórias, nossos sujeitos de pesquisa também trouxeram “recordações-referências”. Assim, nossos narradores de memórias, nos apresentaram de suas constituições como sujeitos, suas identidades e subjetividades, manifestando, assim, as “experiências significativas das suas aprendizagens, da sua evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural” (JOSSO, 2004, p. 47).

Por nossa vez, também nos compreendendo como constituídas por sínteses individualizadas e ativas de nossa sociedade, dialogamos com Ferrarotti (1988) e trazemos “recordações-referências” a partir da “especificidade irreduzível de uma práxis individual” (p. 26), buscando, dialeticamente, uma compreensão de sociedade, a partir da experiência singular nossa e dos narradores da história da Libras em Campina Grande.

Assim, encontramos na perspectiva teórica Histórias de Vida a possibilidade de nos acercamos de nosso objeto de estudo: a história da língua em sinais em Campina Grande, narrada a partir das histórias de vidas dos participantes da pesquisa, de modo que passamos agora a nos referir às entrevistas narrativas, como procedimento adotado para a constituição das fontes autobiográficas, junto aos participantes da pesquisa.

Jovchelovitch e Bauer (2002) colocam que o objetivo principal da entrevista narrativa é apreender como os sujeitos constroem suas versões acerca de determinado objeto. Nessa perspectiva, é a forma como a história é contada pelo entrevistado, a organização de sua narrativa, o foco da atenção do pesquisador, havendo, assim, uma busca pela mínima influência do entrevistador. (GIANINI, 2012)

O cenário histórico abrange o intervalo entre a década de 1970 e o ano de 1996, quando os primeiros movimentos de construção da Libras em Campina Grande<sup>8</sup> aconteceram.

---

<sup>8</sup> A cidade de Campina Grande-PB, considerada a maior cidade do interior do estado da Paraíba, tem uma população estimada de 407.472 habitantes, segundo o IBGE (2018). Sua localização está a 120 km da capital do estado, sendo um entreposto econômico de grande importância para a região.

\* Os sujeitos foram dispostos no quadro de acordo com a cronologia de nascimento. \*\* Os grupos têm relação com a obtenção dos dados: 1 Gianini (2012); 2 PIBIC/CNPq/UFCG 2016; 3 PIBIC/CNPq/UFCG 2017.

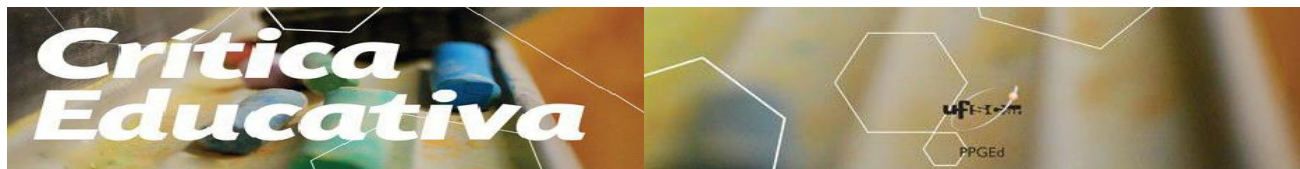
Para o andamento das pesquisas, decidimos que as narrativas como *corpus* adviriam de novas entrevistas, mas também de dados brutos não utilizados por Eleny Gianini em sua pesquisa de doutorado, concluída em 2012. Assim, as entrevistas dela integraram o grupo 1 de narradores. Procedemos, a partir daí, com a escolha das pessoas para novas entrevistas, utilizando como critérios terem sido surdos jovens e adultos nas décadas de 1970 e 1980. Assim, o grupo 2 foi formado por narradores que entre os anos setenta e oitenta eram jovens e o grupo 3 por surdos que foram citados em falas dos grupos anteriores. Todos os narradores autorizaram o uso de seus nomes reais, por meio de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como consentiram na liberação de imagens registradas na pesquisa, para posterior compilação de um documentário. No entanto, para as pessoas citadas em suas narrativas, utilizamos as letras iniciais de seus nomes. O quadro 1 a seguir sintetiza essas informações:

**Quadro 1:** Apresentação dos sujeitos da pesquisa quanto ano de nascimento, idade atual, ano da entrevista e composição dos grupos

NOME*	ANO DE NASCIMENTO	IDADE ATUAL	ANO DA ENTREVISTA	GRUPO**
Luzia	1951	67 anos	2016	2
Conceição	1955	63 anos	2016	2
Jonildo	1958	60 anos	2017	3
Zacarias	1960	58 anos	2018	3
Salatiel	1963	55 anos	2018	3
Solange	1965	53 anos	2016	2
Djailton	1966	52 anos	2016	2
Flávio	1968	50 anos	2008	1
Josinalva	1968	50 anos	2008	1
Joseildo	1974	44 anos	2008	1

**Fonte:** elaborado pelas autoras.

As entrevistas foram filmadas e posteriormente traduzidas para a Língua Portuguesa e transcritas. Optamos por uma transcrição livre, sem a utilização de um sistema de transcrição



específico, por concordar com Gianini (2012) que a narrativa, quando registrada de forma correta, tem valor em si e por si como fonte relevante de informação, pois se evita de “cair no fetichismo dos pormenores e da sofisticação trazidos pela entonação, reações” (p.37), entre outras, que não fazem parte de nossos objetivos.

Após a transcrição das entrevistas, organizamos os dados em um quadro que contemplava informações indexadas e não-indexadas. As “marcações” indexadas da narrativa formam a construção cronológica e fatos de vida que permitem recontar a história do sujeito, a partir das pistas que ele oferece; e as não-indexadas, que devem estar de acordo com o foco do pesquisador – para nós, a história da Língua de Sinais em Campina Grande –, apresentaram conflito de informações e lacunas, por isso, para dirimir esta problemática, resolvemos pela realização de um Grupo de Discussão com a presença de Zacarias (1960), Djailton (1966), Flávio (1968) e Joseildo (1969), na segunda vigência do projeto vinculado ao PIBIC/CNPq/UFCG em 2017.

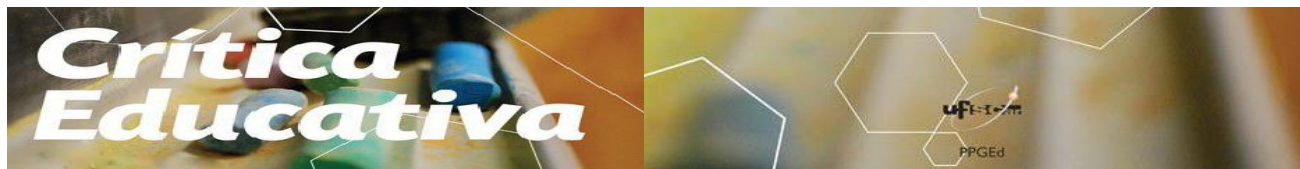
## **5. Tessituras das pesquisas e experiências vividas com as narrativas de surdos: nossas “recordações- referências”**

Os movimentos de tessitura da nossa inserção na comunidade surda a partir da vivência no curso de pedagogia, habilitação em educação de surdos, e nos passos iniciais do curso Letras Libras da UFCG, momento de realização da pesquisa em tela, de certo modo, nos prepararam conceitualmente para as narrativas que viriam das entrevistas narrativas a serem feitas e que seriam relatadas a seguir. No entanto, o encontro olho a olho e a pulsante fala<sup>9</sup> que vem da memória da própria história é um encontro com a, sempre impactante, capacidade humana de realizar alteração em sua realidade, mesmo que sem a consciência do poder revolucionário de atos aparentemente pequenos e sem significado, como, por exemplo, sinalizar escondido dos professores ou criar um sistema comunicativo com irmãos também surdos.

---

<sup>9</sup> Utilizamos aqui o termo “fala” porque, no contexto deste artigo, estamos lidando com a materialização da narrativa pela língua que, mesmo sendo por sinais, se constitui também como fala, uma vez que traz para o mundo material o que vai na imaterialidade da memória do sujeito.



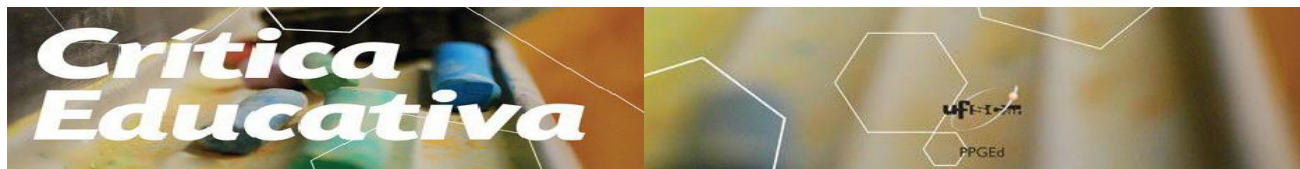


Materializar a história da língua de sinais no Brasil, em específico, em Campina Grande, a partir das memórias dos sujeitos, traz mais que respostas para o objetivo geral da pesquisa: *“contribuir com a construção da história da Libras nessa cidade, a partir das histórias de vida dos surdos adultos nos anos de 1971 a 1996”* e, mais especificamente, *“estudar a emergência da Libras em Campina Grande e suas repercussões nas vidas desses sujeitos”*, aponta que o registro histórico dos eventos oportunistas do uso da sinalização pelos surdos é mais que uma necessidade científica, é uma obrigação humanística, pois, por meio dele, vidas invisíveis para a macrosociedade, mas existentes, tomam nome, cor, gênero, classe social, identidade cultural.

As narrativas sinalizadas, oriundas das histórias de vida dos surdos em Campina Grande, permitem-nos utilizar um arcabouço de fontes, exibindo os traços das experiências históricas como resultado das práticas sociais. Neste sentido, nos filiamos a Guimarães Neto (2005), para quem as histórias de vida que nos foram narradas têm seu valor representativo na história, tanto quanto nos documentos, fotos, vídeos etc, como também em Josso (2004) e Pineau e Le Grand (2012, p. 33), que utilizam-se das histórias de vida acreditando que “[...] o que se ilumina aqui é a dimensão sociossimbólica que aberta pelo relato de vida [...] compreende o sentido que os atores sociais dão a seus atos, aos acontecimentos que lhes dizem respeito”.

As narrativas dos invisíveis humanizam a História e contribuem para a compreensão de que mudanças paradigmáticas exigem reconfiguração de posicionamentos, sem os quais os avanços das microcomunidades surdas, mesmo que tenham colaboração na legislação, serão atravancados pelas posturas atitudinais da maioria, geralmente norteadas por visões cristalizadas do surdo como uma pessoa com necessidade de reabilitação, ortopedização e pessoalmente dependente dos ouvintes.

Da pesquisa ora narrada, destacamos duas reflexões proporcionadas pela pesquisa e que repercutiram para os desdobramentos dos PIBICs por nós propostos e na pesquisa geral sobre a história da Libras, dos surdos e das instituições em Campina Grande/PB (QUEIROGA; PORTO, 2017). A primeira está no plano de, ainda em 2021, estarmos trabalhando para a disseminação e conhecimento da sociedade de que a pessoa surda está invisibilizada pela concepção de deficiência e que olhá-la pela perspectiva da diferença sócio-antropológica, que



epistemologicamente pensa o surdo pela diferença linguística, é parte intrínseca do processo de mudança da sociedade, pois consideramos que a retirada da compreensão do surdo do paradigma da deficiência promoverá a retroalimentação de uma dupla transformação, discursiva e atitudinal. A segunda reflexão segue na direção do encontro com pares, para que uma existência de consciência da própria condição de excelência visual e baixa produtividade auditiva (surdez) aconteça. É o encontro surdo-surdo o gatilho para a construção de uma comunicação que alcança os níveis superiores do cérebro, pois passa a se constituir como verbal<sup>10</sup>.

Nesse aspecto, a pesquisa traz as falas dos entrevistados para o plano de reconfiguração de si mesmos a partir do contato com outros surdos. O município de Campina Grande, até meados da década de 1970, não tinha instituições que atendessem aos surdos. Desse modo, todo o contexto doméstico e social dizia para os surdos que não havia outros como eles, mesmo quando havia irmãos surdos. A clareza e consciência da surdez chegou até eles pelo contato com outros surdos sinalizadores e pela apropriação da língua que lhes permitia pensar sobre sua própria existência.

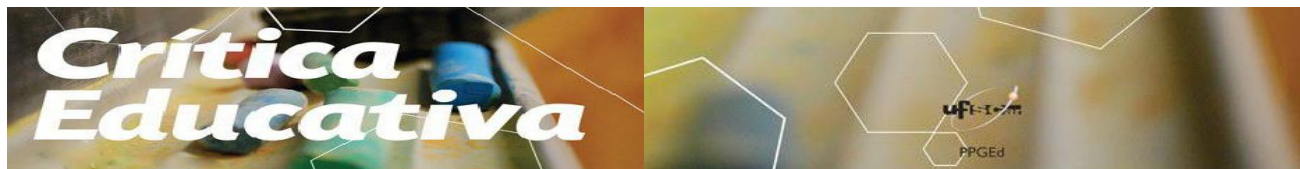
Concluimos o relatório do primeiro ano de pesquisa atentando para a importância do encontro surdo-surdo para uma consciência de diferenças objetivas de possibilidades de comunicação, a partir do momento em que estes tiveram contato com a LS, como também para o papel das instituições que iniciaram o trabalho com a educação de surdos em Campina Grande na criação, evolução e desenvolvimento da Libras.

Findo o primeiro ano da pesquisa sobre a história da Libras, vimos que havia muito ainda para saber sobre como a língua emergiu na comunidade e quais as repercussões de seu uso. Assim, construímos a segunda versão do projeto, *A Constituição da Libras em Campina Grande-PB, entre os anos de 1970 a 1996: dialogando com histórias de vida de surdos e instituições educacionais (PIBIC 2018-2019)*, relatada na síntese a seguir.

Como mencionado anteriormente, os narradores foram os que entre os anos de 1970 – 1980 eram crianças, jovens e adultos, uma vez que a nossa investigação se propunha registrar

---

<sup>10</sup> Compreendemos que toda comunicação humana advinda de língua é verbal, não importando se a língua utilizada é de modalidade um (M1) língua oral ou de modalidade dois (M2) língua de sinais.

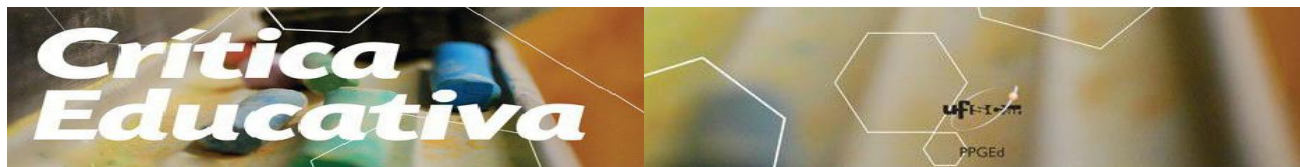


a história da constituição da Libras em Campina Grande. Para tal, era necessário que os mesmos tivessem participado de alguma forma dos acontecimentos ocorridos na época dessa constituição, de modo a elencar os importantes acontecimentos para que a comunidade surda local pudesse ter constituído como tal, bem como sua língua.

Nesse sentido, destacamos em suas narrativas a importância da cidade de Campina Grande-PB, para que os fatos pudessem acontecer, pois nem todos os surdos nasceram no município. Desse modo, ela se tornou um ponto de encontro entre esses atores, não somente reunindo surdos de cidades vizinhas, mas promovendo a reunião de surdos de várias cidades do Estado da Paraíba, como também vindos de outros Estados da Federação. Assim, a cidade se destacou em promover esses encontros, permitindo que os surdos que não puderam sair do município tivessem contato com os que saíram e aprenderam língua de sinais (LS). Como síntese, vemos que o que torna a língua de sinais resistente à opressão oralista são os contatos comunicativos por sinais oportunistas, naquele momento dos primórdios da Libras em Campina Grande, pelos encontros de surdos.

Assim, como feito anteriormente, destacamos aqui dois aspectos, ao tratarmos da segunda versão da pesquisa (SILVA; PORTO, 2018): a) há um modo próprio dos surdos de lidarem com a comunicação entre eles que não está configurada como estruturada por uma língua; e b) aspectos não cronologicamente sequenciais foram fundamentais para que a língua emergente que surgia a partir dos anos 1976 se tornasse a Libras. A situação da inserção da LS na comunidade surda campinense começa a mudar a partir de quatro momentos distintos, mas não necessariamente cronologicamente lineares, relatados na seguinte sequência de acontecimentos (SILVA; LIMA; PORTO, 2020):

1. A ida de alguns surdos, ainda crianças, para a cidade de Recife estudar em escolas privadas ou filantrópicas propiciou o primeiro contato da comunidade surda campinense com a LS, como ilustra a narrativa de Djailton, que foi estudar em Recife, em 1974, com oito anos de idade e nos disse: “gostava de lá [Recife], [...] cheguei lá [volta para Campina Grande] na expectativa de sinalização [na instituição que atende aos surdos] e essa expectativa foi frustrada, não existia sinalização [...]”.



2. O momento de abertura de instituições de atendimento aos surdos na cidade de Campina, a partir de 1976, está ligado às diretrizes nacionais com relação à Educação Especial, fruto da criação, em 1973, do Centro Nacional de Educação Especial (CENESP), que passou a implantar uma série de ações para as pessoas com deficiências, contemplando também os surdos, pois estes estavam vinculados aos deficientes (GIANINI; LIMA, 2017). Sobre esse momento a narrativa de Josinalva revela que havia, de forma clandestina, a combinação de gestos com alguns surdos e para tal, iam “[...] ver se não tinha ninguém olhando, para poder combinar os gestos das cores do dominó, procurando nos objetos cores, para poder marcar e combinar”.

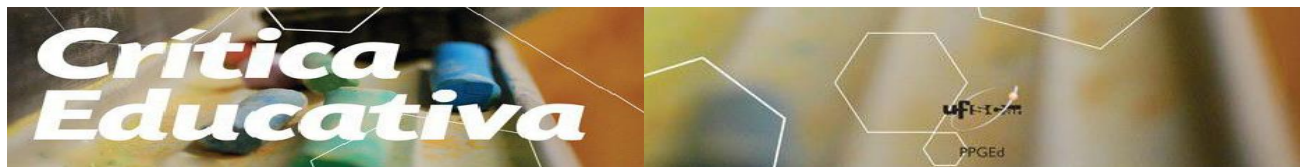
3. A comunidade surda local ter tido contato com outros surdos, seja os de fora que vieram aqui na cidade, seja os surdos daqui que viajaram para outras cidades. Isso é destacado nas narrativas de Conceição, que viajava sempre para Fortaleza com o irmão T., e de Zacarias que, a partir do contato com um surdo de Pombal, foi apresentado a novas possibilidades de expressão.

4. O contato com o dicionário de sinais, intitulado Linguagem das mãos, do Padre Eugênio Oates<sup>11</sup>, publicado no final da década de 1970. Dessa forma, os surdos foram substituindo os gestos locais pelos sinais do dicionário. Zacarias teve acesso a uma compilação de sinais dessa publicação utilizados no estado de São Paulo e a adquiriu, por volta de 1986, em uma de suas viagens. Ao retornar a Campina Grande, emprestou-a a In., irmão de Josinalva e Joseildo, que, com a ajuda de uma irmã ouvinte, que lia para eles a parte de língua portuguesa, aprenderam os sinais.

Vemos, assim, a partir das narrativas, quão importante foi o Instituto Nacional de Educação de Surdos-INES, Rio de Janeiro - RJ, como polo histórico de escolaridade e formação de professores para surdos, conseguindo manter a LS viva e disseminá-la, à medida que os surdos foram se reunindo ao longo do país. Em Campina Grande, especificamente, embora nenhum surdo na nossa pesquisa tivesse tido contato com a LS no Rio de Janeiro ou estudado

---

<sup>11</sup> OATES, Eugênio. Linguagem das mãos. Aparecida: Santuário, 1988 [1969]. Trata-se do dicionário ilustrado Linguagem das mãos, elaborado pelo padre redentorista Eugênio Oates, publicado no final da década de 1970, pela Editora Santuário, conhecido entre os surdos como o “livro do Padre”.



no INES, encontraram com surdos que haviam estado naquela cidade, apreendido a LS que ali existia e, a partir de então, passaram a usá-la no município.

Diante do exposto, acreditamos que o acervo constituído no *corpus* da pesquisa pode, em outras ocasiões, servir como fonte de estudos para o esclarecimento e a composição de mais História sobre a comunidade surda local, tanto para si, no presente, quanto para futuras gerações e historiadores da área. Assim, tendo a possibilidade de serem melhor abordadas, debatidas, discutidas e tendo, portanto, outros desdobramentos para além dos que ora foram apresentados.

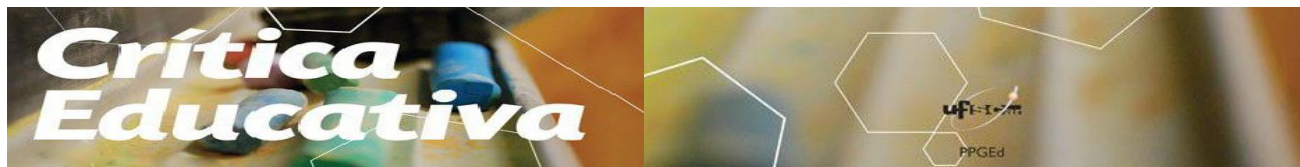
## **6. Considerações: aprendizagens potencializadas e o porvir da pesquisa**

Pelo olhar retrospectivo das pesquisas que desenvolvemos e seus achados sobre a língua de sinais na cidade de Campina Grande, trouxemos recordações-referências significativas para o exercício do ser-viver-estar professoras e pesquisadoras da área de educação de surdos e da Libras, considerando indissociáveis os processos de socialização e de subjetivação na formação humana.

Assim, na construção desse conhecimento científico, fruto do entrelaçamento com as histórias de vidas de surdos, vemos que as relações com os muitos sujeitos que personificam a história da Libras e da comunidade surda campinense nos ensinaram e ainda ensinam que a invisibilidade de minorias, como a dos surdos, empobrece a toda a humanidade. Isso porque, sem essas narrativas, toda a sociedade fica à mercê de um deslocamento do protagonismo para os ouvintes, embasado na concepção de deficiência construída pela ideia cristalizada de uma ciência sobre os humanos que os relega a objeto de caracterizações e definições construídas em gabinetes e laboratórios. Tal concepção não está aberta a ver as pessoas reais que, por fuga ao padrão instituído de normalidade, assumem a condição de incapazes de falar por si próprias.

Nossa maior expectativa é de que as “recordações-referências” ora narradas contribuam para a constituição do legado histórico dos surdos e da Libras. As narrativas de suas Histórias de Vida, sobre uma época que se traduziu no período de maior negação de sua língua e condição de sujeito político e social- o Oralismo – na cidade de Campina Grande, apresentaram-nos os momentos iniciais da Libras no município. Ao narrar as histórias de vida dos surdos, nos movemos para o passado, não para nele nos instalarmos, mas para com ele aprendermos.





## Referências

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem, linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. pp. 9-66.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BEHARES, Luiz Ernesto. *Novas correntes na educação de surdos: dos enfoques clínicos aos culturais*, 1993. (**Mimeo**). Traduzido por Eleny Gianini.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, Antônio; FINGER, Matias (Org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa, Ministério da Saúde, 1988. p. 79-86.

GESSER, Audrei, LIBRAS: **Que língua é essa?:** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIANINI, Eleny. **Professores surdos de Libras: a centralidade de ambientes bilíngues em sua formação**. Tese de Doutorado. UFRN, 2012.

GIANINI, Eleny; LIMA, Niédja Maria Ferreira. **A educação de surdos em Campina Grande no período de 1971 a 1996**. XIV Jornada Pedagógica do HISTEDBR. Pedagogia histórico-crítica, educação e revolução: 100 anos da revolução russa. UNIOESTE – Foz do Iguaçu-PR, mai. 2017.

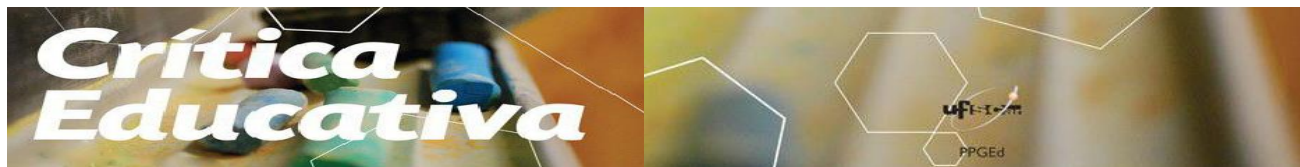
GUIMARÃES NETO, R.B. **Memórias e relatos históricos**. Revista de pesquisa histórica. N. 23. 2005.p. 99-115.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 3. ed. Tradução: Pedrinho A. Creareschi. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

MOURA, Maria Cecília. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

PASSEGGI, Maria da Conceição. *Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório*. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SILVA, Vivian Batista da (Org.). **Invenções de vidas**. Compreensão de itinerários e alternativas de formação de alteridade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130.



PASSEGGI, Maria da Conceição. Passeggi, M. a). Aproximaciones teóricas a las perspectivas de la investigación (auto)biográfica en educación. Trad. Dora Marin Díaz. **Revista Educación y Pedagogía**. (Universidad de Antioquia) 2011, (61), pp. 25-40.

PASSEGGI, Maria da Conceição. y SOUZA, Eliseu. Clementino. O Movimento (Auto)Biográfico no Brasil: Esboço de suas Configurações no Campo Educacional. **Investigación Cualitativa**, 2016; 2(1) pp. 6-26. DOI: <http://dx.doi.org/10.23935/2016/01032>

PASSEGGI, Maria da Conceição. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. **Revista Paradigma** (Edición Cuadragésimo Aniversario: 1980-2020), Vol. XLI, junio de 2020 / 57 – 79.

PASSEGGI, Maria da Conceição; GIANINI, Eleny. A constituição de si como docentes surdos de libras: herdeiros do oralismo, filhos do bilinguismo. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; Vicentini Paula Perin; Souza, Elizeu Clementino de. **Pesquisa (auto)biográfica: narrativas de si e formação**. 1.ed. Curitiba, PR:CRV, 2013.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Tradução: Carlos Eduardo Galvão e Maria da Conceição Passeggi. Natal: EDUFRN, 2012.

QUEIROGA, Renatta Irys de; PORTO, Shirley Barbosa das Neves. Vida, língua e memórias: reminiscência de surdos adultos dos anos de 1970-1990. **XIV Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande. PIBIC/CNPq**, nov. 2017.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes: uma viagem ao mundo dos surdos**. Tradução: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

SÁNCHEZ, Carlos. **La increíble y triste historia de La sordera**. Merida: Ceprosord, 1990.

SILVA, Sérgio Marinho da. PORTO, Shirley Barbosa das Neves. A constituição da Libras em Campina Grande-PB entre os anos de 1970 a 1996: dialogando com histórias de vida de surdos e instituições educacionais. **XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal de Campina Grande. PIBIC/CNPq**, nov. 2018.

SILVA, Sérgio Marinho da. LIMA, Niédja Maria Ferreira de. PORTO, Shirley Barbosa das Neves. A constituição da Libras em Campina Grande-PB: uma história que emerge das narrativas de surdos (1970 – 1996). In: **Revista Cocar**. V.14 N.28 Jan./Abr./ 2020 p.243-262.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Educação e exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Mediação, 1997.